

Olho d'água

Patricia
Leite



Patricia Leite. *Véu da noiva*. 2021. Óleo sobre madeira. 200 x 160 cm. Coleção particular. Cortesia Mendes Wood DM, São Paulo, Bruxelas, Paris, Nova Iorque. Foto: Kunning Huang

A exposição *Patricia Leite – Olho d'água*, realizada pelo Instituto Tomie Ohtake, corresponde a uma parcela importante de nossa missão, que se faz por apresentar a obra de artistas a públicos renovados e expandidos, compartilhando uma narrativa que reúne diferentes aspectos de uma poética segundo uma inédita perspectiva curatorial, expográfica e crítica.

Olho d'água reúne cerca de trinta obras produzidas ao longo de quatro décadas. Com curadoria de Germano Dushá, a mostra percorre a trajetória da artista, incluindo seus primeiros pastéis em papel e pinturas acrílicas sobre tela, produzidas na década de 1980, até sua série recente de objetos criados entre 2020 e 2025, compostos por materiais encontrados – como vidro, madeira, pedrinhas e miçangas. Essas peças estabelecem um diálogo com sua produção bidimensional e com o corpo maior da exposição, que é constituído por pinturas a óleo sobre madeira, as quais consolidaram sua pesquisa de uma expressão figurativa que interage com cenários reconhecíveis.

Patricia Leite já teve suas obras apresentadas aqui em 2016, por ocasião da exposição *Aprendendo com Dorival Caymmi – Civilização praieira*, que especulava sobre o que a poesia, a canção e a arte ensinam sobre modos de habitar a paisagem cultural brasileira. Desde então, aprendemos que suas obras, impregnadas de imaginários de elementos da paisagem, podem desencadear conversas sensíveis sobre o ambiente e a memória. Temos agora a oportunidade de desdobrar essas conversas, enquanto caminhamos por este mesmo lugar que nos últimos anos acolheu exposições de Leda Catunda, Anna Maria Maiolino, Vânia Mignone, Iole de Freitas, Maria Lira Marques, Mira Schendel e, claro, Tomie Ohtake.

Agradecemos ao Ministério da Cultura pela viabilização da exposição por meio da Lei Federal de Incentivo à Cultura (Lei Rouanet). Agradecemos à galeria Mendes Wood DM, à Thomas Dane Gallery e a todos os parceiros pela presença e apoio, bem como aos colecionadores que gentilmente cederam suas obras, tornando possível a realização deste projeto. Convidamos você a celebrar a produção de Patricia Leite e a reafirmarmos, juntos, o compromisso do Instituto Tomie Ohtake com a difusão e o fortalecimento da cultura brasileira.

Instituto Tomie Ohtake



Patricia Leite. *Jaxi*. 2024. Óleo sobre madeira. 160 x 480 cm. Coleção particular. Cortesia Thomas Dane Gallery, Londres. Foto: EstúdioEmObra

Olho d' água

Germano Dushá
Curador

O exercício sobre a energia e as dinâmicas que dão forma à natureza, num jogo livre com suas linhas de força, está no coração da obra de Patricia Leite. Ao longo de quarenta anos de trajetória, a artista percorreu um caminho que reuniu diferentes interesses e meios, preservando, no entanto, uma mesma vontade pictórica, marcada por soluções sintéticas, grandes blocos de cor e traços intencionalmente abertos e oscilantes. Em seus trabalhos, um rasgo sensível no vazio palpita até cindir-se numa tremulação cromática – como um pequeno portal horizontal que irradia uma gama de luzes, aspirando a novas possibilidades. Desse movimento de abertura surgem as coisas em suas manifestações essenciais, das mais elementares, como o firmamento, o Sol, a Lua, as estrelas, planícies, mares e montanhas, àquelas ornamentais, que conferem acabamento à realidade como a conhecemos.

Suas áreas de interesse são diversas, perpassando história da arte, música brasileira, cinema e literatura. De igual modo, muitas são as fontes de inspiração para suas obras: experiências cravadas na memória, fotografias tiradas por ela mesma ou encontradas no mundo, versos de poemas, trechos de canções, grandes realizações artísticas, cenas de filmes e anedotas recolhidas de mitologias, romances ou conversas com os amigos. Num balanço entre o magnetismo da brasilidade e a vocação para o universal, sua obra celebra o que há de singular na cultura brasileira, sem, no entanto, limitar-se. Muito embora cenas de matas e litorais brasileiros sejam recorrentes em suas pinturas, há sempre uma vontade que aponta para o âmago da experiência humana. Do regional ao global, e das grandes narrativas ao que há de mais prosaico no cotidiano, o que quer que lhe diga respeito e lhe capture a atenção vai sendo absorvido e metabolizado com a devida calma. Primeiro, esses recortes decantam num campo mental para, então, serem estudados em suas qualidades emocionais e materiais, até ganharem corpo em composições que sintetizam a natureza num entrelaçamento de sentimentos e significados.

Seus trabalhos propõem uma reorganização vibrante dos fenômenos naturais, sublinhando o resultado dos encontros entre diferentes elementos no mundo. Os campos cromáticos vão se justapondo de modo orgânico, criando contrastes numa geometria livre, e formam paisagens mais ou menos discerníveis, às vezes mais sólidas e tranquilas, noutras fugazes, como se escoassem com rapidez. Todavia, salta sempre aos olhos a vibração do traço: linhas variantes que fervilham, dando contornos às coisas sem fechá-las, de modo a evidenciar o movimento elástico da vida. A passada solta e vigorosa, marcada por gestos fluidos e por um ritmo dinâmico, denota a capacidade de transmutação dos corpos, seja em relação ao mundo maior ou à sua própria constituição, como se a substância que lhes compõe estivesse em ação contínua. Com um estilo intensamente gráfico, a artista trabalha na costura elegante entre a simplificação da forma e a profundidade emocional. Ao invés de documentar esses recortes do mundo que lhe atravessaram, Patricia Leite cria o que chama de “sensações de paisagens”, esquemas que reconstroem os lugares a partir de suas evocações. Embora econômicas nos fundamentos, suas pinturas transliteram o que de mais profundo as paisagens inspiram, conjurando uma miríade de emoções.

Se, por um lado, a simplicidade das representações emana certa leveza, por outro, são patentes certas linhas de tensão. A obra da artista equilibra o fascínio diante da grandiosidade da natureza – capaz de transcender os limites da matéria e de nos fazer lembrar da nossa essência imaterial – e uma certa nostalgia melancólica, fruto da nossa pequenez em relação a tamanha magnitude, que inevitavelmente nos escapa. Sendo assim, tensiona não só as noções que envolvem nossa percepção dos fenômenos naturais, mas também os limites da elaboração das paisagens por meio da linguagem – isto é, a construção cultural que fazemos daquilo que nos cerca. De todo modo, trata-se de uma celebração da vida, que destaca os fluxos de energia que se abrem a cada nova descoberta, a cada novo dia.

Intitulada *Olho d' água*, esta exposição reúne cerca de trinta obras, traçando um arco de amplitude conceitual, formal e temporal na trajetória de Patricia Leite. Com peças da década de 1980 e trabalhos inéditos realizados em 2025, a mostra reúne desenhos, pinturas e objetos, e apresenta ao público um recorte específico que dá testemunho, igualmente, da flexibilidade e da coesão estilística de uma artista tão inventiva quanto fiel ao seu condão. Estão presentes algumas de suas pinturas mais emblemáticas, pelas quais tornou-se mais conhecida nos últimos anos, que interpretam – por vias minimalistas – paisagens litorâneas, recortes da mata e céus estrelados.



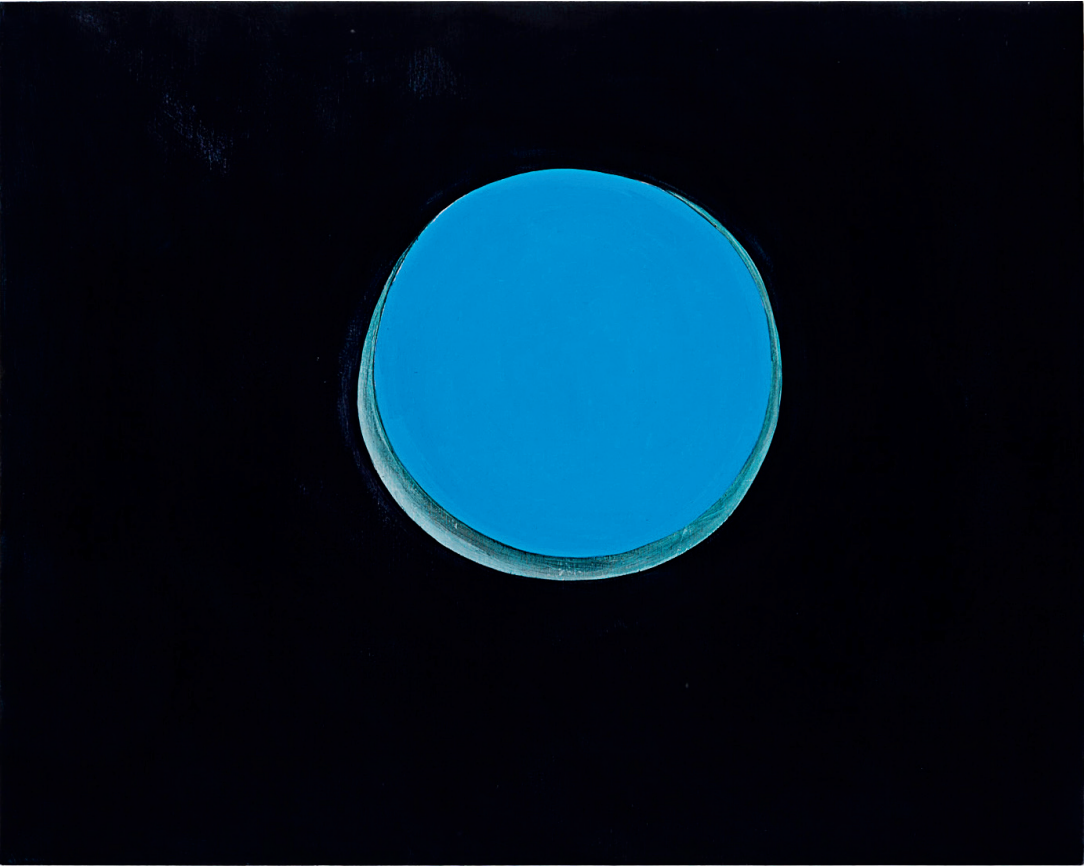


Patricia Leite. *Barnett Newman*. 2003. Óleo sobre madeira. 160 x 190 cm. Coleção Odilon Ferreira Mattos Jr. Foto: Eduardo Eckenfels

Há também algumas de suas obras inaugurais: um grupo de pastéis sobre papel que datam de 1986 e a sua primeira pintura, um ato experimental realizado em 1988. Essas peças trazem as qualidades de suas incursões artísticas iniciais, em que a abstração total apenas sugere o que mais tarde ganhará densidade em sua figuração. Para uma imaginação desprendida, certamente será possível entrever os princípios de um jardim, de um parque ou de uma serra.

Como num *loop*, os objetos inéditos – realizados entre 2020 e 2025 – jogam luz sobre as eleições fundamentais de sua obra. Essas pequenas peças, feitas da junção de coisas encontradas – como pedaços de madeira, resíduos de vidro, cacarecos decorativos e pedrinhas polidas –, guardam em si o contraste entre a delicadeza e o rudimentar, afirmando, de modo proposital, sua incompletude. Ao lado dos primeiros desenhos abstratos, parecem conferir corpo aos diagramas de cores e texturas. De igual modo, formam pequenas paisagens, remetendo às praias e morros que observamos nas pinturas de fases mais recentes.

A organização da exposição toma como ponto de partida o feixe de luz e seu papel de mediador da percepção óptica, transformando a nossa compreensão do mundo e revelando suas nuances materiais, assim como suas atmosferas e auras. Por meio de delicados riscos luminosos que emergem em campos de cor, formam-se paisagens que transitam entre o vívido, o imaginado e o sonhado. Em seu núcleo, o percurso atravessa diferentes momentos, que vão do apogeu da luz solar ao trânsito do crepúsculo e ao breu da madrugada. E, num canto do espaço expositivo, a mostra abriga um lugar resguardado, banhado pela umidade densa e misteriosa da mata e da queda d’água. Sob esses cenários cambiantes, despontam pequenas epifanias visuais, como enigmas que se desvelam e se ocultam na intimidade do olhar, fazendo escorrer dos olhos fluxos contínuos que deságuam como as nascentes que rebentam do solo para dar vida aos rios.



Patricia Leite. *Cúpula*. 2014. Óleo sobre madeira. 40 x 50 cm. Coleção particular. Foto: Eduardo Eckenfels



Patricia Leite. *Sem título*. 1986. Pastel oleoso sobre papel. 70 x 70 cm. Coleção da artista. Foto: EstúdioEmObra



Patricia Leite. *Sem título*. 1986. Pastel oleoso sobre papel. 22 x 28,5 cm. Coleção da artista. Foto: EstúdioEmObra



Patricia Leite. *Sítio São Pedro*. 2013. Óleo sobre madeira. 160 x 200 cm. Coleção particular. Foto: EstúdioEmObra



Patricia Leite. *Fireworks VI / VII*. 2016. Óleo sobre madeira. 160 x 420 cm. Coleção particular. Foto: EstúdioEmObra

Um feixe de luz tremula:
traço que abre nova realidade.
Faz ver a geometria orgânica dos morros
encaixando-se em arranjos improváveis,
o olho da terra cheio d'água
até virar rio
e, nas quedas,
descendo veloz e de vez,
o verde molhado da mata
e a vinda da relva acesa pela rajada solar,
o azul variante do primeiro céu,
e do apogeu do meio-dia em plena praia,
ao breu intenso da noite cerrada
na qual figuram os astros
num espetáculo prateado,
a nos consolar pela morte do dia,
quando a claridade, antes total, se esvai
reduzindo as cores,
no fio da nostalgia,
deixando-nos à mercê da imensidão,
do vasto todo,
de onde viemos
e para cujos braços
decerto voltaremos,
apenas para recomeçar
tudo de novo.

Germano Dushá



Patricia Leite. *Avenças*. 2017. Óleo sobre madeira. 40 x 50 cm. Coleção Andrea e José Olympio Pereira, São Paulo. Foto: EstúdioEmObra

Como seu trabalho começou e o que te levou a passar dos pastéis para a pintura de paisagem, em direção a uma junção entre figuração e abstração? Venho de uma escola oitentista e, desde a minha formação, entre as décadas de 1980 e 1990, minha produção teve como base a abstração. Isso seguiu até o momento em que senti um esgotamento dessa linguagem e vi a necessidade de dar uma pausa para me dedicar à pesquisa e refletir sobre o meu trabalho. Com inquietação e estudo – junto a algumas viagens onde passei a fotografar –, comecei a enxergar a possibilidade de construir uma linguagem de paisagem com meu olhar abstracionista e reducionista.

Sabemos que seu trabalho se baseia em muitas referências para além das artes plásticas, como a música, o cinema e até as experiências vividas em suas viagens. Quais são essas referências que inspiram sua produção? Para além da minha pesquisa e estudo dentro do assunto das artes plásticas, meu trabalho se baseia no meu cotidiano, nas coisas que vejo, na música, no cinema, na literatura, nas viagens que realizo e já realizei. Para ilustrar essa pergunta, cito uma série de sete pinturas que fiz sobre a cena final do filme ícone da década 1970, *Zabriskie Point*, de Michelangelo Antonioni. Sempre enxerguei na explosão uma pintura: estilhaços coloridos em movimento num fundo azul (ao som de Pink Floyd).

Certa vez você disse que, no seu ateliê, a música é tão importante quanto os pincéis. Como se deu em sua história essa relação próxima com a música e como ela se reflete em seu trabalho? Venho de uma família muito musical: na minha casa, minhas irmãs mais velhas reuniam muitos amigos em rodas de violão. Ouvíamos música o tempo todo. Também, meu pai – que sempre foi uma grande referência para mim, um grande pintor – me ensinou a afinar o violão, então tenho esse instrumento e a música me acompanhando o tempo todo.

Algumas vezes reconhecemos títulos de obras e de exposições como parte de um imaginário comum, como em *Olho d'água*, *Olha pro céu meu amor* e *Saudade do Brasil*. Como os títulos encontram as exposições? Os livros preenchem o meu imaginário e, muitas vezes, coincidem com a imagem de alguma obra, alguma pintura que estou fazendo. Acontece a mesma coisa com as letras das músicas que me levam ao título de um trabalho ou de uma exposição.

Sua obra vai muito além de recortes e questões do Brasil, mas é certo que, no seu campo de interesses, há muitas questões e sentimentos essencialmente brasileiros. Como você absorve e sintetiza esse imaginário de Brasil nas suas paisagens? Quando estou falando de paisagem, não tem como meu trabalho não ser impactado pela exuberância de nosso país, e também por um sentimento de melancolia, pela destruição do meio ambiente que vem assolando o território brasileiro. Uma espécie de *Saudade do Brasil*, título de minha exposição individual, realizada na galeria Mendes Wood DM, São Paulo, no ano de 2015.

Em muitas de suas paisagens, é forte a alusão ao momento de transição entre o dia e a noite. O que essa imagem do lusco-fusco desperta em você? O lusco-fusco é muito abordado na história da pintura e no cinema. É realmente uma luz extraordinária, um momento em que as coisas perdem a definição entre a luz e a sombra. As luzes da cidade se acendem quando ainda resta alguma luz no céu. Sempre observei isso, pensando no desafio de como interpretar pictoricamente a luz e as sensações deste momento.

O lusco-fusco é um exemplo de como seu trabalho se caracteriza pela abstração da paisagem pela cor e pela luz, resultado que você chama de “sensações de paisagem”. O que essa expressão significa? Em muitos momentos, não deixo exatamente explícito o que é a imagem pintada. A sensação vem através das cores e da composição formada na obra, deixando-a aberta à interpretação de cada um sobre o que está vendo. A situação inversa acontecia quando as pessoas tentavam identificar algo em meus desenhos abstratos da década de 1980.

Esse processo de não deixar explícita a imagem pintada passa por uma espécie de edição das referências iniciais, que estão na sua memória ou nos seus esboços. Pode nos contar mais sobre essa transformação? Como as cores e a composição vão aparecendo? Quando observo uma coisa que me interessa, já imagino como aquilo vai ficar na minha interpretação pictórica. Daí fotografo e imprimo sem necessidade de muita definição (pra mim, quanto menos definição, melhor), porque minha preocupação não é uma imagem próxima da realidade, mas um resumo e uma interpretação do que vejo. Inclusive, a minha luz é imaginária.



Patricia Leite em seu ateliê em Belo Horizonte (MG). 2007. Reprodução fotográfica. Foto: Alcino Xavier

Pintar sensações: conversa com Patricia Leite



Patricia Leite em seu ateliê em Belo Horizonte (MG). 2005. Reprodução fotográfica. Foto: Marcia Xavier

TOMIE IMPRIME

VOCÊ PODE COLECIONAR ARTE

— E AINDA APOIAR A CULTURA.

Edições limitadas de múltiplos de **Carmela Gross, Gustavo Caboco, Josi e Tomie Ohtake** disponíveis especialmente na Loja Tomie.

Membros do programa **Amigos Tomie** têm descontos em todos os produtos da **Loja Tomie**. Descubra todos os benefícios e aproveite o melhor da cultura sendo um Amigo Tomie.



Adquira aqui sua edição e explore nossa coleção. www.lojatomie.org.br



INSTITUTO TOMIE OHTAKE: Abrir caminhos na arte e na vida

Somos um instituto cultural dedicado às artes visuais e seus cruzamentos com a educação, a arquitetura e o *design*, sempre aberto ao diálogo com outras linguagens e temas contemporâneos.

Nossa história começa na cidade de São Paulo (SP), em 2001, ano de nossa fundação. A partir desse marco, espalhamos nossa presença em todo o território nacional com projetos de educação, premiações e programas públicos, difundindo conhecimento e criando conexões para trabalhar em parceria com instituições nacionais e internacionais.

Nos mobilizamos e nos relacionamos com questões contemporâneas e com vozes diversas e representativas e, através de nossa vocação formativa, geramos oportunidades para educadores e estudantes, dando uma dimensão coletiva ao gesto de Tomie Ohtake de abrir territórios para si e para o outro por meio da arte.

EXPOSIÇÃO PATRICIA LEITE - OLHO D'ÁGUA

Realização
Instituto Tomie Ohtake

Curadoria
Germano Dushá

Produção e Coordenação de Montagem
André Luiz Bella
Carolina Pasinato
Maria Fernanda Rosalem
Pedro Lemme
Rodolfo Borbel
Tamara da Silva Pereira
Victor Constantino

Projeto Expográfico
Ligia Zilbersztejn

Design Gráfico
Felipe Carnevalli
Paula Lobato
Tie Ito
Vitor Cesar

Revisão
Divina Prado
Isabela Maia

Tradução
Isabela Maia

Montagem
Erick Martinelli da Silva
Thiago Briguet Navas
Raphael Rodrigues de Souza
Vitor Rubio Mauro

Museologia
Alex Costa
Bernadette Ferreira Ibarra
Bernardo Macena
Heloisa Biancalana
Rita Torquete

Cenografia
Buriti Brasil

Mobiliário
Luiz Solano

Iluminação
Âmbar Locação e Serviços
de Iluminação
Marcos Franja

Impressão e Sinalização
Omamulti Stickers

Pintura
WCA Pintura e Decorações

Agradecimentos
Mendes Wood DM, Thomas Dane Gallery e todos os colecionadores e emprestadores que gentilmente cederam suas obras para a exposição.

A artista agradece a Pedro Mendes, Felipe Dmab, Matthew Wood, Renato Silva, Magê Abátayguara-Ôrneberg, Isadora Ganem, Maia Pavão, Elio Buoso e toda a equipe da Mendes Wood DM; a Thomas Dane, Clare Morris e toda a equipe da Thomas Dane Gallery; a Germano Dushá, Paulo Miyada e toda a equipe do Instituto Tomie Ohtake; especialmente a Isadora Fonseca e Alexandre da Cunha.

O Instituto Tomie Ohtake realizou todos os esforços para encontrar os detentores dos direitos autorais incidentes sobre as imagens/obras aqui expostas e publicadas, além das pessoas fotografadas. Caso alguém se reconheça ou identifique algum registro de sua autoria, solicitamos o contato pelo e-mail instituto@institutotomieohtake.org.br

JORNAL
Coordenação
Instituto Tomie Ohtake

Projeto Gráfico
Felipe Carnevalli
Paula Lobato
Tie Ito
Vitor Cesar

Textos
Divina Prado
Felipe Carnevalli
Germano Dushá
Patricia Leite
Paulo Miyada

Revisão
Divina Prado
Isabela Maia

Tradução
Isabela Maia

Impressão
Ipsis

ISBN
978-65-89342-48-9